

Como surge o ato livre O ritmo da consciência dos falecidos

Rudolf Steiner

GA 179* Sétima palestra^{NT} Dornach 17 de dezembro de 1917

Tradução: Salvador Pane Baruja, 11/05/2026

Uso particular e sem fins lucrativos

As contemplações apresentadas nestas semanas tinham como fundamento algo que pode levar a compreender a natureza humana na sua relação com o devir histórico da humanidade, de tal forma que se torna possível formar gradualmente uma idéia sobre o dever e a liberdade^{NT}. Melhor do que {NT: utilizar} definições e discussões, que muito pouco podem contribuir para decidir coisas como essas, é buscar coligir as verdades correspondentes a partir do mundo espiritual.

A humanidade terá que acostumar-se cada vez mais na nossa época a conquistar uma outra forma de compreensão da realidade do que como se faz convencionalmente, que, no fundo, utiliza todo tipo de representações secundárias relacionadas a nebulosas definições de palavras e coisas dessa natureza. Quando hoje em dia se ouve ou se lê o que certas pessoas que se consideram inteligentes afirmam, tem-se a sensação de que elas utilizam conceitos e imagens aparentemente coerentes, mas que, na realidade, são tão genéricas como quando alguém fala de um objeto feito, por exemplo, a partir de uma abóbora. Se alguém fizer uma garrafa a partir da abóbora e a utilizar como garrafa, pode-se dizer que esse objeto é uma abóbora, pois realmente é uma abóbora. Mas também pode-se dizer que é uma garrafa, pois é usada como uma garrafa. Então, falamos sobre coisas e elas só têm seu valor, a partir das relações nas quais elas se encontram inseridas.

Quando uma pessoa deixa de se apoiar em palavras e fala a partir de uma determinada visão de mundo, então qualquer um sabe se ela fala de uma garrafa ou de uma abóbora. Mas ela não se deveria limitar à descrição ou à definição do objeto. Pois, enquanto ela se limitar à descrição ou à definição do objeto, este tanto pode ser uma abóbora como uma garrafa. É assim que, hoje em dia, muitos filólogos e outras pessoas que se consideram inteligentes falam da alma humana, mas também pode ser que estejam falando do corpo humano, ou seja, pode ser uma abóbora, mas também pode ser uma garrafa.

Esta observação tem muito a ver com algo que é levado muito a sério na atualidade, em parte para desgraça da humanidade. Portanto, é mesmo necessário que, a partir da ciência espiritual antroposófica, para a qual é preciso ter um pensamento claro e rigoroso, surja a aspiração de não contemplar o mundo como se faz hoje, de confundir abóbora com garrafa, mas de olhar por toda a parte para o real, seja o real físico, seja o real espiritual. De qualquer maneira, se a pessoa se sujeitar a definições e coisas do gênero, não poderá chegar a uma efetiva representação mental daquilo que interessa ao ser humano, mas somente quando considerar a realidade das relações vitais. Mais ainda, só se conseguirá chegar à clareza de conceitos importantes como liberdade e dever na vida social, na vida moral, quando a pessoa reunir certos fatos espirituais como nas considerações anteriores e, de certa forma, tentar constantemente ponderá-los isoladamente, a fim de se formar um juízo da realidade.

NT: Este ciclo de oito palestras se estendeu de 2 a 22 de dezembro de 1917 em Dornach, todas taquigrafadas por Helene Finck.

NT: *A Filosofia da Liberdade* Obra Completa volume 4, Antroposófica, tradução de João F. Torunsky e Rogério Y. Santos, São Paulo, quarta edição, 2022.

Considerem os senhores o que já disse, com certa ênfase, em palestras públicas e agora também ressaltei novamente nos mais variados contextos: somente podemos entender o que chamamos de representações mentais quando as relacionamos com o nosso organismo físico, quando nessas representações ligadas à corporalidade não vemos o que cresce e se expande, mas, ao contrário, o que tende a morrer, o que parcialmente fenece na corporalidade. Em uma palestra pública, eu disse que, realmente, o ser humano se extingue constantemente no seu sistema nervoso.

O sistema nervoso é de tal forma constituído que ele deve se restringir a si mesmo. Fosse ele se expandir por todo o organismo, e se ocorresse em todo o organismo o que se dá no sistema nervoso, isso significaria que o ser humano poderia morrer a qualquer momento. Pode-se dizer que as representações mentais surgem lá onde o organismo se degrada por conta própria. Ou seja, morremos constantemente no nosso sistema nervoso. Por causa disso, a ciência espiritual sente-se no dever de não somente acompanhar aqueles processos que a atual ciência natural considera como sendo os únicos e determinantes, que são os processos ascendentes. Esses processos ascendentes são processos de crescimento, que atingem mesmo o seu apogeu no inconsciente. Somente quando o organismo começa os processos descendentes é que surge nele a atividade da alma que pode ser apontada como sendo uma atividade de representação mental ou também de percepção. Esse processo de degradação, esse processo de fenecimento, deve primeiro ocorrer para que a representação possa surgir.

Tenho mostrado que o ato livre do ser humano verdadeiramente se baseia em que o ser humano chega ao ponto de buscar nos pensamentos puros (NT: Veja o *Novo Testamento*, Paulo, Epístolas aos filipenses, 4:8) os impulsos para o seu agir. Esses pensamentos puros influem principalmente no processo de degradação do organismo humano. O acontece realmente quando uma pessoa executa assim plenamente um ato livre? Vamos esclarecer inicialmente o que acontece fisicamente a uma pessoa comum e corrente, quando ela age a partir da fantasia moral. Os senhores sabem o que quero dizer com fantasia moral, ou seja, o que realmente acontece quando a pessoa age a partir de um pensamento que não é dominado por impulsos sensoriais, nem por instintos sensuais e nem por paixões?

Acontece, então, que a pessoa se entrega aos pensamentos puros. Estes constituem os seus impulsos, eles não podem impulsar a pessoa, mas ela deve impulsá-los, pois são meras imagens refletidas, como já salientamos. As imagens fazem parte de *Maja* {NT: no original, termo sânscrito, geralmente traduzidas como “ilusão“}. Imagens refletidas não podem obrigar o ser humano a nada. Ele mesmo, sob a influência de representações puras, tem que se obrigar {a agir, a pensar ou, ao contrário, nem a pensar nem a agir}. Onde agem as representações puras? Elas agem com maior intensidade no processo de degradação do organismo humano. No organismo humano, surge, de um lado, o processo de degradação. Por outro lado, a partir da vida espiritual, surge o pensamento que conduz ao ato^{NT}, em oposição ao processo de degradação. Esta é uma referência ao pensamento que fundamento o ato. O ato livre surge através da união de ambos, ou seja, por meio da ação conjunta do processo de degradação e do pensamento do ato.

NT: Christian Johann Heinrich Heine (1797-1856), poeta romântico alemão, disse: “O pensamento antecede o ato, assim como o raio o trovão” em Heinrich Heine, *Contribuição à história da religião e filosofia na Alemanha*, p. 118, tradução de Márcio Suzuki, São Paulo, Iluminuras, 1991. E também “Eu sou o ato do teu pensamento” em Heinrich Heine, *Alemanha. Um Conto de Inverno*. Tradução, introdução e notas de Romero Freitas e Georg Wink, Belo Horizonte, Crisálida, 2010.

Eu disse que o puro pensar não gera o processo de decomposição. Ele {o processo de decomposição} está aí de qualquer jeito {durante a evolução humana}, realmente ele está o tempo todo aí. Se o ser humano, a partir do pensar puro nada contrapor a este processo de decomposição, que é justamente o mais importante de todos os processos de decomposição, então continua sendo um processo de decomposição. Portanto, o processo de decomposição não é transformado em um processo de constituição; então, continua sendo uma parte do ser humano que morre. Se os senhores pensarem novamente, verão que existe a possibilidade de o ser humano impedir em si mesmo um processo mortal, se justamente praticar atos livres. Aqui repousa um dos mais sutis pensamentos que o ser humano precisa acolher em si.

Quem entender este pensamento, não poderá mais duvidar da existência da liberdade humana. Isto é, um ato realizado a partir da liberdade não é realizado através de algo provocado pelo organismo, mas {justamente} a partir das causas que deixam de existir, isto é, a partir de um processo de decomposição. Algo deve fundamentar o organismo para que as causas deixem de existir nele, e somente a partir daí é que a representação pura age como motivo que leva à ação. Esses processos de decomposição ocorrem permanentemente, mas, de certa forma, não são utilizados, enquanto o ser humano não praticar atos livres.

Porém, aqui repousa aquilo que também atesta como deve-se apresentar uma época que não quer entender a idéia da liberdade na sua maior abrangência possível. A segunda metade do século XIX e o século XX até nossos dias atribuíram-se realmente a missão de encobrir cada vez mais o conhecimento da idéia da liberdade, de eliminá-la da realidade na vida prática. Não se quer entender a liberdade, não se quer ter liberdade.

Os filósofos têm se esforçado em demonstrar que na natureza humana tudo começa a partir de uma certa necessidade. Com certeza, a natureza humana repousa na necessidade, mas esta necessidade cessa na medida em que têm início os processos de decomposição, pelos quais a relação destes com as causas chega ao fim. Se a liberdade está presente aí onde cessa a necessidade no organismo, então não se pode dizer que os atos do ser humano começam a partir da necessidade interior, porque os atos somente começam a partir do ser humano quando a necessidade chega ao fim. O erro todo consistia em que {conceitualmente} só se aceitava entender os processos constitutivos no organismo humano, mas não se aceitava entender também os processos de decomposição.

Para alguém passar realmente a conhecer o fundamento da natureza humana na atualidade, seria preciso desenvolver mais talento do que a predisposição que existe nesse sentido. Ontem vimos que é realmente necessário apreender com o olhar anímico aquilo que se considera como sendo o Eu humano. Mas justamente na atualidade existe menos talento para apreender alguma coisa dessa realidade do Eu. Quero apresentar uma prova aos senhores.

Eu tenho frequentemente citado a excelente contribuição científica de Theodor Ziehen: *A psicologia fisiológica*¹. Na página 205 desse livro, fala-se do Eu. Ziehen não chega em momento nenhum a pelo menos fazer uma sugestão do verdadeiro Eu. Ele fala exclusivamente da representação do Eu, que nós sabemos que é apenas uma imagem do verdadeiro Eu. Mas é muito interessante ouvir como uma excelente pensador da atualidade fala sobre o Eu, acreditando poder esgotar tudo a partir de representações mentais da ciência natural.

1 Theodor Ziehen (1862 - 1950) foi médico e professor de Psiquiatria em Jena, bem como professor de Filosofia e Psicologia em Halle, ambas cidades da Alemanha.

São palestras que deveriam ser reproduzidas e é por isso que o tema é apresentado sob a forma de palestras. Ziehen disse que “possivelmente, os senhores vão reparar que, por meio da curta e pequena palavra Eu, denomino a representação do Eu, que deveria ser uma complexa criação trimembrada, da qual deveriam participar milhares e milhares de representações parciais. Mas eu peço aos senhores que considerem que, mesmo sendo uma palavra curta, o conteúdo de sua representação deve ser muito complexo, daí resultando que cada um dos senhores ficaria constrangido se tivesse que enunciar o conteúdo do pensamento da sua chamada representação do Eu”.

E agora passa Ziehen a dizer algo em relação do conteúdo do pensamento das representações do Eu. Vamos ver agora o que o excelente intelectual sabe dizer sobre o que a pessoa realmente deveria pensar, quando ela pensa a respeito do seu Eu: “os senhores vão pensar imediatamente no seu corpo” - portanto, pensem no próprio corpo! –; “nas suas relações com o mundo exterior, nos seus relacionamentos de parentesco e de propriedade” – portanto, passem a pensar logo na sua carteira de dinheiro e a contar o dinheiro!; “no seu nome e no seu título nobiliário ou status social (...)”. Então, o excelente intelectual aponta expressamente que a pessoa deve pensar no seu nome e no seu título ou status se quiser abranger o conteúdo da representação do Eu.

Ele acrescenta: {a pessoa deve pensar nas} “suas principais tendências e representações dominantes e finalmente no seu passado e, assim, fornecer por conta própria a prova de que a representação do Eu é abundantemente constituída. Evidentemente, a pessoa volta a reduzir a complexidade da representação do Eu a uma relativa simplicidade, na medida em que ela contrapõe os objetos externos e outros Eus ao seu próprio Eu como sendo o sujeito de seus sentimentos, representações e agitações. Com certeza, essa contraposição e essa simplificação da representação do Eu têm uma profunda fundamentação epistemológica, mas, observando simplesmente do ponto de vista psicológico, esta simplificação do Eu é uma mera ficção teórica”.

Portanto, “esse simples Eu” é apenas uma “ficção teórica”, o seja, uma mera representação fantasiosa, que é construída quando a pessoa reúne o seu nome, o seu título ou status, possivelmente também medalhas, condecorações e coisas do gênero que conferem importância à pessoa! É aqui que se pode constatar toda a fraqueza do pensar da atualidade. E essa fraqueza deve ser considerada ainda mais, porque o que se apresenta como sendo uma decisiva fraqueza no conhecimento da vida anímica vem a ser o {que dá} vigor para chegar ao conhecimento dos fatos exteriores da ciência natural. Justamente o que não presta para o conhecimento da vida anímica é o adequado para ter acesso ao fato exterior e sensorial na sua imediata necessidade exterior.

A pessoa não deve se iludir com o fato de que uma característica de nossa época é que, quem pode ser um grande vulto numa área, também pode ser o representante da maior insensatez numa outra área. Somente quando uma pessoa enxerga claramente esse fato, que é muito útil para distrair a atenção, é que ela pode de alguma forma raciocinar em relação ao que se considera importante para reerguer a força que a humanidade precisa, de forma a chegar às representações mentais que podem influir proveitosa e salutarmente na vida. Pois somente as representações mentais tiradas da verdadeira realidade podem influir na vida da atualidade.

Atualmente, o ser humano sente muito frequentemente a tendência de querer renovar a realidade espiritual, antes de olhar para a verdadeira realidade, a partir da qual ele deveria colher os seus impulsos. Quem renova, ou melhor acredita renovar, hoje em dia tudo o que é possível no mundo, Tira-se de tudo do mais puro nada da alma! Mas nos tempos presentes, somente podem ser frutífero aquilo que é retirado do fundo mesmo da realidade espiritual. Para isso, tem que existir a volição. A vaidade, que devido ao vazio anímico quer abranger todo tipo de pensamento reformista, é igualmente daninha ao desenvolvimento da nossa época quanto o próprio materialismo. Ontem, no final {da palestra} eu chamei a atenção para como o verdadeiro Eu do ser humano, aquele Eu que aliás pertence à natureza volitiva e por isso espalha o sono na consciência do dia a dia, tem que ser frutificado para que, já no ensino público^{NT}, os seres humanos sejam levados à concreta compreensão dos grandes temas da época.

Na nossa época, nada mais pode ser feito do que conquistar a clareza de quais forças espirituais e seus efeitos amadurecem nos nossos atos. Nada se ganha com nebulosas declarações genéricas sobre o espírito, mas com o conhecimento dos processos espirituais específicos, conforme mostramos nestas contemplações {NT: do presente ciclo de palestras}, como foi apontado com relação às datas dos anos em que estas potências e aquelas forças interviram no mundo físico a partir do espiritual.

É através disso que se dá aquilo que eu poderia citar como sendo a cooperação entre os chamados falecidos e os chamados vivos no devir geral da humanidade. Na realidade das nossas vidas dos sentimentos e da volição, nós estamos juntos com os falecidos num mesmo reino. Também pode-se dizer que, por meio das realidades do nosso Eu e do nosso corpo astral, estamos juntos com os falecidos num mesmo reino. Ambas as expressões significam o mesmo. Assim, aponta-se para uma região em comum na qual estamos presentes, na qual falecidos e vivos cooperam no mesmo tecido que pode ser chamado na sua totalidade de a vida humana no social, na moral e na história. A ela também pertencem aquelas biografias que transcorrem entre a morte e um novo nascimento.

Nas presentes contemplações, mostramos como o chamado falecido tem o reino animal como o seu reino mais inferior, da mesma maneira como nós vivos temos o reino mineral como o mais inferior. De certa forma, também mostramos como o falecido trabalha no interior desses entes do reino animal, como constrói a partir das leis da animalidade aquilo que, por sua vez, fundamenta a organização da próxima encarnação.

Mostramos ainda como o falecido vivencia como um segundo reino todas aquelas relações que se fundamentam cârmicamente aqui no mundo físico e que, no mundo espiritual, conseqüentemente, se transformam e continuam existindo. Portanto, um segundo reino é conformato para o falecido a partir de todas as relações cârmicas que ele estabeleceu durante algum momento de uma encarnação na Terra. Assim, pode-se dizer que todos os interesses que o ser humano desenvolveu durante a morte e um novo nascimento abrangem passo a passo e de forma concreta toda a humanidade {NT: pois a alma humana se encarna repetidamente e em épocas diferentes}.

NT: A primeira escola Waldorf foi criada dois anos depois, em 1919 em Stuttgart, Alemanha.

O terceiro reino que o falecido vivencia podemos chamar de o reino dos anjos. De certa forma, já apontamos para o papel que os anjos desempenham na vida durante a morte e um novo nascimento. Eles carregam, de certa maneira, os pensamentos que fluem de uma alma humana para uma outra e os trazem de volta. Eles são os mensageiros da vida comunitária do pensar. No fundo, entre os seres da hierarquias superiores, é dos anjos que o falecido tem a mais clara vivência. Ele também tem uma vivência clara dos animais e dos contextos dos seres humanos, pois o seu carma está baseado nos entes das hierarquias superiores. O falecido tem a mais clara representação daqueles entes da hierarquia dos anjos que, na verdade, são os portadores dos pensamentos ou em geral do conteúdo anímico de um ente para um outro, que também ajudam o falecido a lidar com a animalidade. Pode-se dizer que, quando se fala das questões dos falecidos como sendo as questões pessoais, fala-se que os entes da hierarquia dos anjos têm como tarefa prioritária ocupar-se das questões pessoais dos falecidos. As questões gerais do falecidos, que nada têm de pessoais, são mais bem tratadas pelos entes dos reinos do arcanjos e dos arqueus.

Quem se lembrar do ciclo de palestras *A essência interior do ser humano e a vida entre a morte e o novo nascimento*², vai trazer à memória que faz parte da vida do chamado falecido expandir, de certa forma, o seu ente pelo mundo e voltar a retrai-lo ao seu interior. Eu apresentei isso {naquela ocasião} e a fundamentei mais profundamente {do que agora}. A vida do falecido transcorre de tal maneira que, de certa forma, ocorre uma espécie de revezamento entre o dia e a noite. Ora, isso se dá assim, porque uma vida intensa surge do interior {do falecido}.

Sabe-se que essa vida intensa surge porque ela simplesmente é o retorno do que aflora como vivência quando {o falecido} estende o seu ser pelo mundo, na medida em que cresce junto com o mundo exterior. É por isso que, quando alguém tem contato com um falecido, depara-se com estados mutantes, estados no qual o falecido estendeu o ser pelo mundo, no qual ele de certa forma cresceu com a sua própria essência na essencialidade do seu entorno, cresceu nos processos de seu entorno. O falecido é quem menos sabe disso, pois para ele ocorre uma espécie de estado de estar adormecido quando cresce junto com a sua essência no mundo espiritual.

Quando ele volta de seu interior, aí é uma espécie de estado de vigília, pois ele sabe de tudo isso. Pois a sua vida transcorre no tempo, não no espaço. Enquanto que para nós, donos da nossa consciência diurna durante a vigília, temos no espaço fora de nós aquilo que adicionamos à nossa consciência e que volta a afastar-nos dela quando dormimos, o falecido leva as vivências que teve num determinado espaço de tempo para um outro espaço de tempo e assim elas preenchem a sua consciência. A sua consciência é preenchida por vivências passadas, da mesma forma como a nossa consciência da vigília preenche o espaço. O falecido vive completamente no tempo. E isso é algo que é preciso conhecer.

Através dessa vida temporal rítmica, o falecido passa a ter uma relação muito específica com os entes da hierarquia dos arcanjos e dos arqueus. Ele não tem uma representação igualmente clara desses entes como a tem dos anjos, dos seres humanos e dos animais, mas tem sempre principalmente a representação de que os arqueus e os arcanjos são aqueles que trabalham junto com ele nesse processo de acordar, dormir, acordar, dormir – um ritmo que transcorre no passar do tempo. A partir do momento em que o falecido chega a desenvolver a consciência do que vivenciou no espaço de tempo transcorrido, mas que até então não sabia disso, ele passa a ter sempre consciência que um ente da hierarquia dos arqueus o despertou, tem sempre a consciência de que trabalha junto com os arqueus e arcanjos em relação a essa vida rítmica.

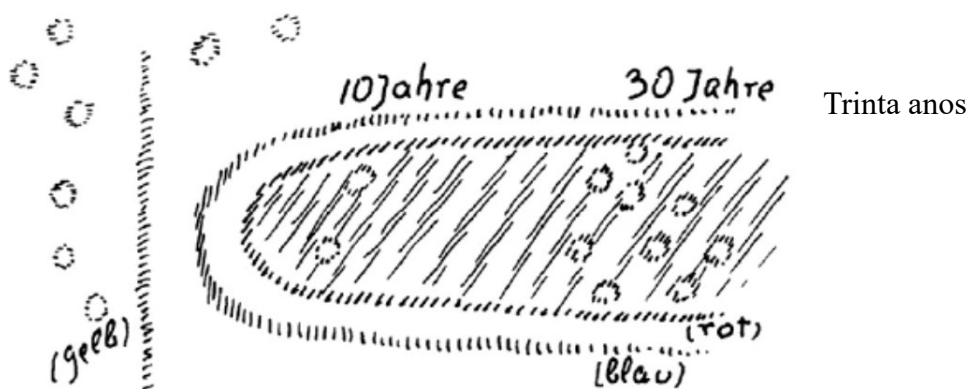
2 Rudolf Steiner *A essência interior do ser humano e a vida entre a morte e o novo nascimento*, GA 153, Rudolf Steiner Verlag, Dornach, sexta edição, 1997.

Do mesmo jeito que ao acordar nós aqui na Terra distinguimos algo, vamos registrar agora muito bem o seguinte. Temos consciência do mundo exterior, do qual nada sabemos enquanto dormimos, porque entrevemos que esse mundo exterior desliza na escuridão durante o sono. É assim que, na alma do chamado falecido, vive a consciência de que ele coopera com arqueus e arcanjos para poder passar por essa vida de dormir, acordar, dormir, acordar e assim por diante. Pode-se dizer que o falecido mantém relações com os arcanjos e arqueus da mesma forma como nós mantemos com o nosso ambiente físico, o reino vegetal e mineral, enquanto estamos de posse de nossa consciência de vigília.

O ser humano não pode olhar retrospectivamente nesse intercâmbio no qual está imbuído entre a morte e um novo nascimento. Porque não? Bom, fala-se assim com um “porque não?”, mas é justamente esse olhar retrospectivo que o ser humano {ainda} deverá aprender, mas com certeza ele dificilmente pode aprender algo assim a partir das representações materialistas da atualidade. Gostaria de apresentar graficamente porque o ser humano não pode olhar retrospectivamente. Digamos que os senhores estão no mundo com todo o seu aparelhamento sensorial e de representação mental. Assim, os senhores têm representações e conteúdos de percepções das mais variadas formas. Agora, eu desenho diferentes anéis, pequenos círculos como aquilo que é a consciência num determinado momento. Isso aqui {aponta para o desenho no quadro negro} é a consciência num determinado momento.

Agora, a lembrança é um processo que ocorre de maneira diferente de como os psicólogos a apresentam hoje em dia, pois a lembrança ocorre quando os senhores olham retrospectivamente. Com esta linha, eu como que desenho o tempo durante o qual os senhores podem olhar retrospectivamente, na medida em que se lembram do vivido, mas que, na verdade, significa um espaço, aqui estaria um ponto no terceiro, quarto ou quinto ano de vida até quando os senhores podem se lembrar. É nesse período de tempo que repousam as representações mentais, que surgem quando uma pessoa volta a se lembrar das vivências que ocorreram {no passado}. Digamos que, ao trinta anos de idade, os senhores tiveram determinadas representações e elas surgem porque os senhores se lembram de algo que ocorreu dez anos antes. Se a representação for suficientemente vívida, intensa, como se dá com a alma, os senhores podem pensar o seguinte. Como nós podemos olhar retrospectivamente até o momento na infância quando surge aquilo do qual lembramos, então há um espécie de bolsa anímica com um fundo, que vem a ser o momento na nossa infância até quando nos lembramos.

Dez anos



(Amarelo)

(azul)

(vermelho)

O tempo que podemos abranger retrospectivamente é assim como uma bolsa anímica. Pensem os senhores que olham uma bolsa anímica como essa e vêem os seus limites, que na verdade coincidem com os limites entre os corpos físico e etérico. Mesmo que os senhores só possam representá-los de maneira grosseira, esses limites devem existir, pois, caso contrário, os processos que geram as lembranças transcorreriam constantemente {sem encontrar resistência nesses limites}. Se a alma fosse como uma bolsa sem fundo, os senhores não poderiam se lembrar de nada, porque tudo como que passaria pela bolsa. Portanto, deve existir um limite, deve existir realmente {o fundo de} uma bolsa anímica. Só que, ao mesmo tempo, essa bolsa anímica evita que a pessoa também possa captar o que foi vivido e que se encontra fora da bolsa. A própria vida anímica dos senhores não é transparente, porque os senhores têm lembranças. Os senhores são intransparentes, porque os senhores têm a faculdade da lembrança.

Vejam os senhores, aquilo que faz com que possamos ter uma consciência organizada é, ao mesmo tempo, a razão pela qual não podemos acessar com a consciência do dia a dia essa região que deveria ficar além da lembrança. De fato, essa região fica realmente além da lembrança. Contudo, a pessoa pode se esforçar em reconfigurar gradualmente a lembrança. Só que é preciso ter cuidado com isso. A pessoa pode começar tentando captar meditativamente cada vez mais aquilo que ela lembra, até que chega a ter a sensação de não ser apenas algo que se apreende com a memória, mas algo que, na verdade, fica parado.

A pessoa que desenvolve uma intensa e ativa vida espiritual passa a ter gradualmente essa sensação de que a lembrança não é algo que vai e volta, que chega e passa, mas que o conteúdo da lembrança é algo que permanece. Contudo, trabalhar dessa maneira pode gerar a convicção de que, aquilo que surge na lembrança e permanece de fato fica disponível como a crônica do AkashaNT, é algo que não some. O que corriqueiramente aferimos na lembrança está no mundo, está realmente aí.

Mas com esse método não se avança muito, pois o método só permite lembrar as vivências pessoais, que destacam muito bem o conhecimento que fica no conteúdo da lembrança. Num sentido mais elevado, esse método é egoísta demais para ir além dessa convicção {pessoal}. Ao contrário, se os senhores desenvolverem essa faculdade além de um determinado ponto, se contemplarem o que resta das próprias vivências, aí sim os senhores estarão realmente bloqueando a visão no livre mundo espiritual. Pois, no lugar da bolsa de suas lembranças, o que fica aí é apenas a própria vida dos senhores, de maneira mais compacta, o que não permite ver além dela.

No lugar disso, é possível utilizar um outro método que, se me permitirem usar a expressão, permite ver de maneira primorosa as anotações na crônica do Akasha. Certamente que, quando se olha através das lembranças que ficaram, a pessoa vê no mundo espiritual, ao qual esteve ligada durante a morte e um novo nascimento. Mas não se deveria usar apenas o que fica da própria vida sob a forma de lembranças, pois elas ficam cada vez mais compactas e não permitem ver além. Isso deve ser transparente.

NT: A palavra Akasha provém do sânscrito e significa céu, espaço. Assim, a crônica do Akasha é a consciência cósmica espiritual, na qual o pesquisador espiritual pode “ler” os eventos do mais remoto passado, não como ocorreram exteriormente, mas do lado da vivência anímica interior. O filósofo grego neoplatonista Plotino (209-270) já falara dela, conforme a página >> www.antrowiki.de <<. Rudolf Steiner escreveu um livro sobre os resultados de suas pesquisas (*Da crônica do Akasha A gênese da Terra e da Humanidade: uma leitura esotérica*, Obra Complet número 11, Antroposófica, São Paulo, 2017) e proferiu um ciclo de palestras (*O quinto evangelho Revelações da Crônica do Akasha*, Obra Completa número 148, Antroposófica, São Paulo, terceira edição, 2023).

E torna-se transparente quando a pessoa tenta repetidamente, no lugar de lembrar-se muito do que vivenciou a partir do seu ponto de vista, lembrar-se cada vez mais do que lhe veio de fora ao seu encontro. Ou seja, no lugar de lembrar-se do que a pessoa aprendeu, lembrar-se do professor, da maneira como ele falou, o efeito que o professor gerou na pessoa. É lembrar-se de como foi feito o livro no qual a pessoa aprendeu isto ou aquilo. A lembrança deveria ser prioritariamente dirigida a aquilo que, a partir do mundo exterior, agiu na pessoa.

Um início bonito, maravilhoso, sim, uma introdução para chegar a essas lembranças é a obra de Goethe *Poesia e verdade*, onde mostra como ele foi se formando ao longo do tempo, como as diferentes forças agiram nele³. O fato que ele Goethe fez algo assim durante a vida, que ele fez uma espécie de retrospectiva que não partiu do ponto de vista de suas próprias vivências, mas do ponto de vista de outras pessoas e dos fatos de sua época, é que lhe permitiu chegar às suas profundas visões do mundo espiritual. Ao mesmo tempo, isso também é uma maneira mais abrangente da pessoa {na presente vida} entrar em contato com o tempo que passou entre a última morte e o nosso nascimento .

Os senhores observem que hoje apresento de uma outra perspectiva o que já apontei em outras oportunidades, que é a ampliação do interesse além do meramente pessoal, especialmente do ato de não dirigir o interesse e a atenção para o que nós somos, mas para aquilo que nos formou, para aquilo através do qual nós surgimos {no mundo}. Ideal é contemplar o tempo, especialmente contemplar o tempo mais longo anterior {à atual vida}, e buscar as forças a partir das quais se formou o sujeito que a pessoa é.

Apresentado dessa forma, o método oferece menos dificuldades, mas não é de jeito nenhum uma tarefa fácil. É também uma tarefa que, por exigir um enorme altruísmo, leva a um grande sucesso. Este método desperta justamente as forças do Eu da pessoa para adentrar na mesma esfera que os falecidos têm em comum com os vivos. Num futuro não muito distante, a tarefa do ensino público deverá ser menos que os alunos se conheçam entre si e mais conhecer concretamente a época na qual vivem, não receber conhecimento assim como constam nos livros didáticos, mas assim como evidentemente esta época se desenvolve a partir de impulsos espirituais.

Desta maneira, voltaremos a ampliar o interesse sobre a característica de nossa época e os seus resultados a partir do devir geral do mundo. Por que é que Goethe tentou intensivamente conhecer a arte grega {da antiguidade} e entender detalhadamente a sua própria época e compará-la a esse tempo que já havia passado? Por que é que ele faz com que Fausto retorne à época grega, à época de Helena, visite Quíron {NT: centauro da Grécia antiga considerado superior em relação a outros seres míticos} e a esfinge {ser mitológico apresentado com corpo de leão e cabeça humana}? Porque ele queria conhecer o seu próprio tempo que o tinha influenciado de tal forma, que para isso precisou comparar a sua época {atual} aos tempos antigos.

Bom, Goethe não permite que Fausto se sente e comece a desdobrar pergaminhos, documentos antigos dos arquivos oficiais, mas o leva pelos caminhos da alma a voltar aos impulsos que o tinham formado. Nele existe algo que aponta para a união que se dá no ser humano entre, de um lado, os falecidos e, do outro, os espíritos da época e os arcanjos. Os senhores podem ver aqui a relação entre os falecidos e os arcanjos.

3 Johann Wolfgang von Goethe, *Memórias: Poesia e verdade*. Tradução de Leonel Valandro. Editora Universidade de Brasília/Hucitec, Brasília, 1986.

Justamente nos impulsos apontados por Goethe através de Fausto repousa aquilo por meio do qual o ser humano expande os seus interesses sobre o espírito da época, aquilo, que no sentido mais eminente possível, é necessário na nossa época. Aliás, atualmente é necessário observar de maneira diferente do que era observado até os tempos de Fausto {NT: de Goethe}. A maioria das pessoas que julgam Fausto mal conseguem chegar a tocar nos problemas existentes. Alguns conseguem fazer perguntas. E as respostas são as mais curiosas possíveis.

Vejam os senhores um exemplo, quando Goethe realmente sugere: “reflexionem!”. Será que uma pessoa sempre reflexiona? Goethe faz de tudo para enfatizar claramente que deve-se refletir a respeito de determinados temas. Por exemplo, {NT: a bruxa} Erichto fala a respeito do palco que a clássica noite de santa Valburga oferece, ela se afasta assim que o homúnculo, Fausto e Mefistoteles aparecem voando. Os senhores se lembram da primeira fala do homúnculo, de Mefisto, de Fausto⁴. Depois que Fausto toca o chão e lança a pergunta: “Onde está ela?”, o homúnculo diz:

— Não sei que responder.
Mas aqui é o lugar para perguntar.
Apressa-te, antes de amanhecer,
A procurá-la de fogueira em fogueira;
Para quem às Mães ousou descer,
Nada mais será uma barreira.

O homúnculo diz “Para quem às Mães ousou descer / Nada mais será uma barreira.”. Como é que ele sabe que Fausto esteve com as Mães? Essa é a questão, que necessariamente surge, pois, se os senhores folhearem as páginas do livro, verão que em lugar nenhum existe o menor indício de que o homúnculo ficou sabendo disso por ser um ente separado de Fausto. Agora, de repente o homúnculo apita que “Para quem às Mães ousou descer / Nada mais será uma barreira.”.

Os senhores vêem que Goethe também apresenta enigmas. Aqui surge a imperiosa necessidade de que, independente do que o homúnculo possa ser, ele é o interior da consciência do próprio Fausto, pois somente se ele for parte da consciência de Fausto pode saber o que existe nela. Lembrem-se os senhores de diversas discussões que tivemos sobre Fausto⁵, de que o homúnculo nada mais é do que aquilo que o corpo astral deve preparar para que Helena apareça.

Mas assim ele está em uma outra área da consciência, pois a sua consciência se estende até o corpo astral. Então, como o homúnculo pode estar até na consciência de Fausto, os senhores têm assim a possibilidade de entender o conhecimento {dessa personagem}. É por isso que Goethe deixa que o homúnculo apareça, porque assim a consciência de Fausto de certa forma acha a possibilidade de sair de si mesma, de não somente ficar em si mesma, mas também de estar fora. Pois é lá que o homúnculo está, no interior da consciência de Fausto.

4 Fausto, de Johann Wolfgang von Goethe, tradução, introdução e glossário de João Barrento, editora autêntica, Belo Horizonte, 2023, p. 393.

5 Veja as suas palestras de 26 de março de 1914 em *A ciência espiritual como um bem de vida* GA 63, Rudolf Steiner Verlag, Dornach, segunda edição, 1986 e em *O problema de Fausto. A romântica e clássica Noite de Walpúrgis*, GA 273, Rudolf Steiner Verlag, Dornach, quarta edição, 1981.

Como os senhores observam, Goethe leva muito a sério a alquimia. Em *Fausto* existem muitos desses enigmas que têm a ver diretamente com os segredos do mundo espiritual. A pessoa tem que deixar Fausto exercendo a sua influência para poder divisar as profundas realidades espirituais que, de fato, fundamentam *Fausto*. Somente assim é possível entender alguém como Goethe, que, de um lado, se empenhou em poder observar como fora aquilo que realmente contribuiu na sua formação, sendo que a apresentação de sua obra *Poesia e Verdade* é uma prova disso, e, do outro lado, ele também sabia que isso leva até a uma ampla perspectiva da relação com os falecidos. Fausto entra na vida de um antigo desenvolvimento da humanidade e entra também na vida de entes espirituais muito antigos.

Mas, quem quiser mesmo captar por completo o que é necessário do ponto de vista positivo para a atualidade, deve olhar e sentir em muitos sentidos também o negativo, deve desenvolver um verdadeiro sentimento pelo negativo. Deve desenvolver um olhar para tudo aquilo que impede a necessária união do ser humano vivo nos planos comuns com a ação dos falecidos. Os senhores podem identificar por toda parte esses obstáculos. Eles estão em cada canto. Eles estão justamente lá por onde, desculpem os senhores o uso dessa palavra odiosa, a instrução se espalha.

Eu me pergunto o que sente uma pessoa justamente inteligente, profundamente inteligente, esclarecida, e que escreve algo assim: “Swedenborg, em torno de quem também Goethe perambulou Tateando respeitosamente a sua sombria e enigmática personalidade, mantinha relações com os anjos além da Terra. Ele contou que essas criaturas sobrenaturais passeiam brigando em pensamento e até vestem túnicas. A luta pelo conhecimento e pelo iluminismo não lhes é estranho, mas montaram uma gráfica para enviar, vez por outra, alguns jornais para pessoas muito felizes. Os jornais do além estão impressos em hebraico. Uma propriedade dos veneráveis caracteres gráficos bíblicos seria que cada traço, cada canto, cada curva oculta um misterioso valor espiritual. O ser humano deveria aprender a ler corretamente os arabescos angelicais para poder ser um iniciado na verdade do além, na vida retirada e eternamente iluminada, na viva festividade e no animado paraíso do além. Swedenborg, que conseguira em vida às vezes morrer para a vida terrestre e atingir o ingresso no além antes da morte física, muito perguntou aos anjos e sobre eles contou. Babilônios, egípcios e hebreus tinham praticado antes dele o mesmo ofício exploratório. Gerações posteriores a ele e de entes insatisfeitos até nossos dias fazem-no na Terra, buscando os conselhos de Deus para o seu futuro, que não conseguem prescindir da companhia de seus falecidos e que, afinal, são da opinião de que as pontes construídas a partir de sonhos de sua cama até a região do inconcebível seriam um caminho sólido, seráficamente consolidado e completamente enrijecido pelos espíritos”⁶.

E assim continua suas observações essa pessoa que se considera inteligente, espalhando galhofa barata sobre aqueles que tentam construir as pontes para o além. Pois, esta pessoa muito inteligente tinha lido o livro de uma outra que se considera igualmente inteligente e escreveu que “este *Desde além dos sentidos*, que será vivido pela alma, quer descrever de maneira nova o importante livro de Max Dessoir *Desde o além da alma*, depois que milhares de cismados já adentraram esse caminho do além.

6 Veja artigo de Max Hochdorf 14. Dezember 1917 no jornal “Neue Zürcher Zeitung” sobre o livro de Max Dessoir *Desde o além da alma*, Stuttgart, 1917. Ainda o livro de Rudolf Steiner *Dos enigmas da alma Antropologia e Antroposofia*, GA 21 Rudolf Steiner Verlag, Dornach, quinta edição, 1987, em parte publicado como apostila sob o título *Dos enigmas da alma* pela Sociedade Antroposófica do Brasil, São Paulo, s/d.

Agora fala um filósofo, que se preocupou mais do conhecimento do ser humano do que em separar correntes de pensamentos órfãs, um amigo das artes que não se amedrontou em interpretar o segundo do nascimento de uma idéia artística marcada por enigmas, em resumo, um homem que eventualmente com a faca na mão explorou os ossos e os nervos do ser humano para se orientar em meio dos inúmeros esconderijos terrestres da alma. Porque Dessoir está imune de inúmeras maneiras do açodo dos espíritos em êxtase e da frieza dos arrogantes racionalistas, seu juízo sobre questões do além lançado há mais de trinta anos merece atenção e consideração também de quem não conseguem acompanhá-lo nos seus caminhos” e por aí afora.

No segundo capítulo do meu livro *Dos enigmas da alma* tive que abordar o citado Max Dessoir, pois este professor universitário tivera a petulância de criticar a Antroposofia enquanto tal. Vi-me obrigado a assumir a tarefa de provar que a forma como Max Dessoir trabalha é a mais superficial e carente de consciência moral que alguém pode imaginar. Este homem tem a desfaçatez de proferir um juízo depreciativo, a partir de citações, quase que exclusivamente formadas de maneira obtusa, retiradas de uns poucos dos meus livros e repetidamente retalhadas, de tal maneira que elas terminam ficando estúpidamente deformadas.

É necessário apresentar os fatos dessa forma, quando se quer realmente ver esse escândalo que é possível dentro do que hoje é tido como ciência. Eu só vi esse indivíduo {chamado} Dessoir uma vez na minha vida. Foi no início dos anos 90 {do século XIX}. Na época, ele dirigiu-me um observação muito inteligente. A minha {obra} *A Filosofia da Liberdade* ainda não fora escrita. Durante um jantar alusivo a Goethe em Weimar, ele disse “sim, contudo, o senhor comete um erro, o senhor se ocupa além da conta com muitas ciências”. Esse era o grande erro, que alguém tentava não ser unilateral!

Entre outros disparates que Max Dessoir comete em seu livro, ele diz, por exemplo, que a minha *A Filosofia da Liberdade* seria o meu primeiro livro, escrito aproximadamente dez depois do meu primeiro livro, ou seja, uma trajetória de dez anos de escritor precede *A Filosofia da Liberdade*. Isso e muito mais formam um conjunto de mentiras no livro de Dessoir. Quantas pessoas lerão no meu livro *Dos enigmas da alma* as necessárias objetivas discussões, que mostram como a ciência apresentada por Dessoir é um delírio!

Contudo, quanta patifaria jornalística como a de Max Hochdorff em Zurique encontra-se reunida para espalhar o absurdo livro de Max Dessour *Desde o além da alma*, dizendo “este além dos sentidos, que será vivido pela alma, quer descrever de maneira nova o importante livro de Max Dessoir *Desde o além da alma*, depois que milhares de cismados já adentraram esse caminho do além” e por aí afora.

É necessário dirigir o olhar a essas coisas. É suficientemente conhecido que, aquilo que se tenta a partir da ciência espiritual de orientação antroposófica, é deturpado de maneira incomparável aqui e acolá, às vezes por pessoas que sabem muito bem que a verdade é o oposto daquilo que elas dizem. Elas são pessoas dignas de pena, que não conseguiram satisfazer os seus interesses pessoais no seio da sociedade onde acreditavam poder satisfazê-las, e não é mais preciso falar delas.

Elas sabem muito mais do que outras como é isso uma verdade objetiva. Mas o veneno como o que Max Dessoir espalha deve ser levado mais a sério, pois eu tive que fazer a minha parte para, de certa forma, demonstrar parágrafo por parágrafo toda a indignidade filosófica das discussões de Dessoir. Enquanto não prosperar em círculos mais extensos um julgamento sadio sobre a pretensa cientificidade de um Max Dessoir – e existem muitos como ele – e enquanto não prosperar um julgamento sadio sobre rebocadores do estilo de Max Dessoir, {haverá pessoas} como por exemplo o articulista que não resiste em concluir o seu artigo com estas palavras:

“pois justamente porque o caminho ao além está completamente vedado” – claro que o caminho ao além está completamente vedado para mentes fechadas como a deste senhor Max Dessoir! - “é que as pessoas ao longo dos séculos tentaram repetidamente detonar as barreiras. Dessoir chama esses lutadores de ‘idealistas mágicos’ em busca do imune a dúvidas e, contudo, inatingível reino espiritual. Ele reúne todos eles, rezadores, apóstolos dos números, magos egípcios, santos negros, antropósofos, neo budistas, cabalistas e hassidistas. Ele é um escritor de estórias que saber como cativar todos aqueles que se submetem ao milagre, todos os revoltados, apesar do milagre. Quando se conta todos os homens, sábios e doidos, que querem se reunir em torno do espírito puro, forma-se uma estranha sociedade de irmãos. Nela encontram-se Cagliostro e Kant, Hegel e também o moderno mestre dos bruxos Svengali^{NT}, que, desejosos de peregrinar, perdem-se no caminho rumo ao além”.

Claro que não é possível evitar que existam pessoas que escrevem dessa forma, mas em círculos mais amplos deve surgir um julgamento sadio, para evitar que aquilo que dessa maneira chega à opinião pública seja aceito como uma autoridade. Pois, evidentemente, formas pensamentos disseminadas assim no nosso organismo social bloqueiam qualquer possibilidade do sadio progresso da humanidade. Quem teve que arrancar o lixo científico de um Max Dessoir, pode lavar-se as mãos e assim dar-se por satisfeito.

Só que esse lixo científico continua circulando e hoje em dia pode atingir muitos caminhos. Às vezes, é preciso instituir um exemplo, que deve ser novamente repetido, pois os senhores podem contar em quantas cabeças se infiltra uma e outra vez um julgamento sobre a Antroposofia como o que foi publicado pelo suplemento literário {do jornal suíço} Neue Zürcher Zeitung em dezembro de 1917, escrito por uma pessoa que se considera muito inteligente e se apoia no igualmente inteligente Max Dessoir!

Situações como essas devem ser consideradas como fatos da história cultural, é preciso entendê-las no contexto da história cultural. Lamentavelmente, hoje em dia é muito pequena a possibilidade de fazer chegar a mais pessoas o capítulo que escrevi sobre Max Dessoir e a Antroposofia. Pois, inclusive na sociedade antroposófica, só existe um pequeno círculo que realmente entende a tarefa que tem de esclarecer corretamente a humanidade sobre a forma como hoje em dia, frequentemente, a ciência trabalha, que apenas é um sintoma da maneira geral de se pensar.

NT: Alessandro, Conde de Cagliostro, era o pseudônimo de um ocultista italiano do século XVII, batizado como Giuseppe Giovanni Battista Vincenzo Pietro Antonio Matteo Balsamo. Emanuel Kant foi um filósofo do iluminismo alemão no final do século XVIII. Georg Wilhelm Friedrich Hegel vem a ser o filósofo alemão, que, em 1807, publicou o livro *A Fenomenologia do espírito*. Svengali é uma personagem da obra *Trilby*, de George du Maurier, de 1894, que na época tornou-se sinônimo de pessoa manipuladora.

Isto é, assim como a ciência se apresenta hoje – e Max Dessoir é um exemplo gritante disso, com todos os seus satélites -, também ocorre em outras áreas {da sociedade}. Se os senhores se perguntarem: “que forças muito profundas levaram à catástrofe da atualidade?” (NT: referência à eclosão da Primeira Guerra Mundial), ficaria sempre algo superficial, caso não se procurasse essas razões mais profundas que conduzem a distorções e superficialidade desejadas, à charlatanaria, a uma charlatanaria que tenta se sustentar na medida em que atribui espiritualidade a essa charlatanaria. Tudo isso deve ser percebido de maneira sadia na sua verdadeira forma.

Eu apresento o exemplo de Max Dessoir somente porque justamente é um caso recente. Mas é um exemplo dos muitos negativos que existem em nossos dias. Quem quiser se empenhar de todo coração pelo positivo que existe nesse crescimento conjunto com o mundo espiritual, também deve se empenhar de todo coração para rejeitar da maneira mais cordial e poderosa o que é impuro, superficial e imprestável.

Nos dias de hoje, constatamos frequentemente que justamente os honestos são apresentados da pior maneira possível perante a opinião pública. Não existe razão para olhar de maneira pessimista para essas questões, mas existe a necessidade de buscar na própria alma as forças que formam e criam um julgamento sadio na alma sobre essas questões.

*GA 179 Os seres espirituais e sua atuação III. Necessidade histórica e liberdade. As influências do destino desde o mundo dos falecidos, Rudolf Steiner Verlag, Dornach, quarta edição, 1993.